



## Entre Altruísmo e Interesse: Uma Análise Teórica da Moralidade na Ação Humana

### *Between Altruism and Self-Interest: A Theoretical Analysis of Morality in Human Action*

Gabriel Júlio Fernandes da Silva

**Resumo:** O presente estudo investiga a tensão conceitual entre altruísmo e interesse na constituição da ação moral humana. A questão central que orienta a pesquisa é se a ação moral pode ser considerada genuinamente altruísta ou se está inevitavelmente atravessada por formas explícitas ou implícitas de interesse. A partir de uma revisão bibliográfica narrativa de caráter crítico, são analisadas contribuições clássicas da filosofia moral e da sociologia, com destaque para as formulações de Thomas Hobbes, Jean-Jacques Rousseau, Immanuel Kant, Adam Smith, Émile Durkheim, Erich Fromm, Jessé Souza e Sérgio Buarque de Holanda. Argumenta-se que a oposição entre altruísmo e interesse não deve ser tratada como dicotomia absoluta, mas como tensão estrutural que atravessa a experiência moral. Defende-se que a ação moral pode conter dimensões de interesse simbólico e reconhecimento social sem, necessariamente, perder sua legitimidade ética. Ao final, sustenta-se que compreender essa tensão contribui para uma leitura mais realista e menos idealizada da moralidade contemporânea.

**Palavras-chave:** altruísmo; interesse; moralidade; dever; reconhecimento social.

**Abstract:** This study investigates the conceptual tension between altruism and self-interest in the constitution of human moral action. The central research question examines whether moral action can be considered genuinely altruistic or if it is inevitably influenced by explicit or implicit forms of interest. Based on a critical narrative literature review, the study analyzes classical contributions from moral philosophy and sociology, highlighting the formulations of Thomas Hobbes, Jean-Jacques Rousseau, Immanuel Kant, Adam Smith, Émile Durkheim, Erich Fromm, Jessé Souza, and Sérgio Buarque de Holanda. It is argued that the opposition between altruism and interest should not be treated as an absolute dichotomy, but as a structural tension that permeates the moral experience. The study defends that moral action can contain dimensions of symbolic interest and social recognition without necessarily losing its ethical legitimacy. Ultimately, it is maintained that understanding this tension contributes to a more realistic and less idealized reading of contemporary morality and human motivations.

**Keywords:** altruism; interest; morality; duty; social recognition.

## INTRODUÇÃO

A reflexão sobre a natureza da ação moral acompanha a tradição filosófica desde seus fundamentos clássicos. A pergunta sobre por que os indivíduos agem moralmente — e se o fazem por genuína preocupação com o outro ou por algum tipo de benefício, ainda que simbólico — permanece como um dos dilemas centrais da ética. Historicamente, duas grandes matrizes interpretativas estruturaram o debate. De um lado, a tradição que enfatiza o interesse como fundamento da ação humana, compreendendo a moralidade como extensão sofisticada do instinto

de autopreservação ou de maximização de benefícios. De outro, a corrente que sustenta a possibilidade de uma ação autenticamente orientada ao outro, fundada no dever, na empatia ou na sociabilidade natural.

Entretanto, a modernidade complexificou esse debate. Em sociedades marcadas por reconhecimento público, capital simbólico e performatividade moral, torna-se cada vez mais difícil distinguir claramente entre ação desinteressada e ação motivada por recompensas indiretas — como prestígio, pertencimento ou validação social.

Nesse contexto, o presente estudo parte da seguinte questão norteadora: A ação moral pode ser considerada genuinamente altruísta ou está sempre atravessada por formas explícitas ou implícitas de interesse?

A hipótese defendida é que a oposição rígida entre altruísmo e interesse obscurece a complexidade da experiência moral. Sustenta-se que a ação ética pode envolver dimensões de interesse — especialmente simbólico — sem que isso implique necessariamente sua desqualificação moral.

A relevância desta investigação reside na necessidade de repensar categorias morais frequentemente tratadas de forma idealizada. Em um cenário contemporâneo de exposição pública, redes sociais e valorização do reconhecimento, compreender a tensão entre dever e retorno simbólico torna-se fundamental para uma análise crítica da moralidade.

O estudo está estruturado da seguinte forma: inicialmente apresenta-se a metodologia adotada; em seguida, desenvolve-se a fundamentação teórica a partir de autores clássicos e modernos; posteriormente, realiza-se uma análise crítica das convergências e tensões entre as perspectivas examinadas; por fim, apresentam-se as considerações finais.

## METODOLOGIA

Este trabalho caracteriza-se como uma pesquisa de natureza qualitativa, fundamentada em revisão bibliográfica narrativa de caráter crítico-interpretativo. A escolha por uma revisão narrativa justifica-se pelo objetivo do estudo: não se trata de mensurar quantitativamente ocorrências conceituais, mas de compreender, interpretar e colocar em diálogo diferentes tradições teóricas que abordam a moralidade sob perspectivas distintas.

Foram selecionadas obras clássicas da filosofia moral e da sociologia que discutem explicitamente ou implicitamente a relação entre interesse, dever e altruísmo. O critério de escolha considerou:

1. Relevância histórica do autor no debate moral;
2. Impacto teórico na tradição ética ocidental;
3. Capacidade de oferecer perspectivas contrastantes;
4. Inclusão de ao menos um autor brasileiro para contextualização

sociocultural.

O recorte teórico concentra-se na tradição moderna e contemporânea, entendendo que é nesse período que a tensão entre individualismo e sociabilidade assume maior centralidade.

A análise foi conduzida por meio de leitura interpretativa das obras selecionadas, buscando identificar:

- Como cada autor compreende a motivação moral;
- Se há espaço para altruísmo genuíno;
- De que maneira o interesse é incorporado ou rejeitado na estrutura da ação ética?

A partir desse levantamento, construiu-se um diálogo crítico entre as perspectivas, visando evidenciar convergências, divergências e possíveis zonas de intersecção.

## FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### A Tradição do Interesse na Ação Humana

A compreensão da ação moral como derivada do interesse individual possui raízes profundas na tradição moderna. Entre os principais representantes dessa vertente destacam-se Thomas Hobbes (1744) e Adam Smith (2002), cujas formulações, embora distintas, convergem ao reconhecer o papel estruturante do interesse na dinâmica social.

Para Hobbes (1744), a condição natural do ser humano é marcada pela busca incessante de autopreservação e poder. No estado de natureza, onde inexiste autoridade comum, os indivíduos vivem sob permanente insegurança, movidos pelo medo da morte violenta e pelo desejo de garantir sua própria sobrevivência. A famosa expressão “guerra de todos contra todos” sintetiza essa condição. A moralidade, nesse contexto, não emerge de uma disposição altruísta originária, mas da racionalidade estratégica: os indivíduos reconhecem que a cooperação e o pacto social são meios mais eficazes para assegurar seus próprios interesses.

Assim, as chamadas “leis naturais” hobbesianas — como cumprir contratos ou buscar a paz — não são imperativos altruístas, mas recomendações racionais para evitar a autodestruição coletiva. A ação moral, portanto, é funcional à autopreservação. Mesmo comportamentos aparentemente generosos podem ser interpretados como investimentos na estabilidade social que, em última instância, beneficiam o próprio agente.

Essa perspectiva inaugura uma leitura da moralidade como estrutura reguladora de interesses individuais. A ética deixa de ser compreendida como expressão de virtude intrínseca e passa a ser analisada como mecanismo racional de organização da convivência.

Já em Adam Smith (2002), a centralidade do interesse assume contornos mais complexos. Frequentemente associado apenas à defesa do mercado e da “mão invisível”, Smith apresenta, em sua Teoria dos Sentimentos Morais, uma reflexão sofisticada sobre simpatia e reconhecimento. Para ele, os indivíduos possuem a capacidade de colocar-se no lugar do outro, buscando aprovação moral por meio da figura do “espectador imparcial”.

Contudo, mesmo nesse quadro, o desejo de aprovação social ocupa papel determinante. A ação moral é influenciada pelo anseio de ser visto como digno, justo e virtuoso. O indivíduo regula sua conduta não apenas por benevolência, mas também pelo desejo de reconhecimento. O interesse, aqui, não é meramente material; é simbólico. Trata-se da busca por estima e validação.

Dessa forma, tanto em Hobbes quanto em Smith, a moralidade não se apresenta como pura negação do interesse. Ela emerge, antes, como sua modulação. O altruísmo, se existente, encontra-se entrelaçado a estruturas de autopreservação, estabilidade social ou reconhecimento.

Essa tradição estabelece uma base interpretativa poderosa: a suspeita de que toda ação moral carrega, de modo explícito ou implícito, algum tipo de retorno para o agente. A questão que se impõe, então, não é apenas se o interesse existe, mas se sua presença invalida a legitimidade moral da ação.

Essa problemática prepara o terreno para a posição contrastante de autores que defendem a possibilidade de uma moralidade fundada em disposições originariamente orientadas ao outro, como se verá a seguir.

## **A Possibilidade do Altruísmo: Natureza, Empatia e Amor**

Em oposição à tradição que fundamenta a moralidade no interesse racional, autores como Jean-Jacques Rousseau e Erich Fromm sustentam que a disposição para o cuidado com o outro não pode ser reduzida a cálculo estratégico ou busca de reconhecimento.

Rousseau (1999), ao refletir sobre a origem da desigualdade entre os homens, propõe que o ser humano, em seu estado de natureza, não é movido primordialmente pela competição, mas por dois princípios fundamentais: o amor de si (*amour de soi*) e a piedade. O primeiro corresponde ao instinto de autopreservação; o segundo, a uma repugnância natural diante do sofrimento alheio. A piedade antecederia a racionalização social e funcionaria como freio espontâneo à violência.

Diferentemente de Hobbes (1974), Rousseau (1999) não concebe a moralidade como produto exclusivo do medo ou do pacto estratégico. Para ele, há uma inclinação originária à compaixão que não depende de cálculo. A sociabilidade e a corrupção moral surgem com o desenvolvimento das instituições e do amor-próprio (*amour-propre*), isto é, com a comparação social e a busca por reconhecimento.

Essa distinção é fundamental: enquanto o amor de si é natural e moderado, o amor-próprio é social e competitivo. É neste último que o interesse assume forma exacerbada. Assim, Rousseau não nega a existência do interesse, mas o situa

historicamente. O altruísmo, nessa leitura, não é ingenuidade; é potencialidade humana anterior às distorções da sociedade hierarquizada.

Já em Fromm (2000), a possibilidade do altruísmo é reconstruída sob chave psicanalítica e humanista. Em *A arte de amar*, o autor afirma que o amor não é mero sentimento passivo, mas atitude ativa de cuidado, responsabilidade, respeito e conhecimento. Amar é uma prática que exige maturidade e superação do narcisismo.

Para Fromm (2000), a sociedade moderna tende a transformar relações humanas em relações de troca. O indivíduo aprende a oferecer aquilo que aumenta seu “valor de mercado” afetivo e social. Nesse contexto, o altruísmo é frequentemente contaminado pela lógica da reciprocidade implícita. Entretanto, isso não significa que o amor genuíno seja impossível. Pelo contrário, ele depende de desenvolvimento ético e autonomia.

A contribuição de Fromm é decisiva porque desloca o debate da simples oposição entre interesse e altruísmo para a qualidade da motivação. Uma ação pode beneficiar o outro e ainda assim estar orientada por inclinação ou interesse.

No campo sociológico, Émile Durkheim (1978) evidenciou que a moralidade é fato social, internalizado por meio de processos de socialização e reconhecimento coletivo. No contexto brasileiro, Sérgio Buarque de Holanda (2016) revelou como as relações pessoais e a cordialidade moldam práticas morais permeadas por vínculos afetivos. Por fim, Jessé Souza (2017) aprofundou a compreensão da moralidade como dimensão de distinção social, na qual o reconhecimento ético pode operar como capital simbólico.

A revisão dessas perspectivas permite afirmar que a dicotomia rígida entre altruísmo e interesse não se sustenta empiricamente nem teoricamente. A ação humana não ocorre em um vazio motivacional. Ela é sempre situada, atravessada por identidade, pertencimento, expectativas sociais e estrutura histórica.

Contudo, reconhecer a presença possível de interesse não implica desqualificar toda ação moral. A pureza absoluta da intenção pode constituir ideal regulativo, mas não parâmetro empírico absoluto. A experiência moral concreta parece estruturar-se como tensão permanente entre:

Dever e inclinação;

Cuidado genuíno e autoimagem;

Pertencimento social e autonomia individual;

Reconhecimento simbólico e compromisso ético.

A contribuição central deste estudo reside precisamente na formulação dessa tensão como elemento constitutivo da moralidade humana. O altruísmo não desaparece por coexistir com dimensões de interesse; ele se complexifica.

Em sociedades contemporâneas marcadas por desigualdade e visibilidade pública ampliada, o desafio ético torna-se ainda mais exigente. A moralidade pode ser instrumentalizada como mecanismo de distinção social, mas também pode funcionar como força de transformação. O critério decisivo parece residir menos na inexistência de retorno simbólico e mais na orientação predominante da ação: se

o outro é reconhecido como fim em si mesmo ou reduzido a meio de legitimação pessoal.

Assim, conclui-se que o debate entre altruísmo e interesse não deve buscar vencedores definitivos, mas aprofundar a compreensão da ambiguidade estrutural da ação humana. A maturidade ética talvez consista não na crença em pureza absoluta, nem na adoção de ceticismo radical, mas na capacidade de navegar por essa tensão, reconhecendo a complexidade das motivações que impulsionam a ação moral.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As análises desenvolvidas ao longo deste estudo demonstram que a polarização entre altruísmo e interesse, embora didática, simplifica excessivamente a complexidade da motivação moral humana. Longe de serem categorias mutuamente exclusivas, o altruísmo e o interesse se entrelaçam em uma dinâmica tensa e multifacetada, que exige uma compreensão mais nuançada da ação ética.

Desde as formulações de Hobbes (1974), que situam a moralidade na racionalidade da autopreservação, até as contribuições de Smith, que introduzem o interesse simbólico do reconhecimento, percebe-se que a busca pelo benefício próprio não anula, necessariamente, a possibilidade de uma conduta moralmente relevante. Da mesma forma, Rousseau (1999) e Fromm (2000), ao defenderem a existência de uma disposição inata à compaixão e ao amor genuíno, não ignoram a influência das estruturas sociais e dos interesses que podem corromper ou modular essa inclinação.

A contribuição dos autores brasileiros, como Sérgio Buarque de Holanda (2016) e Jessé Souza (2017), enriquece o debate ao contextualizar a moralidade em realidades sociais específicas, onde o afeto, a cordialidade e a busca por distinção social se manifestam de maneiras particulares. Essas perspectivas reforçam a ideia de que a ação moral é sempre situada, influenciada por fatores históricos, culturais e sociais.

Conclui-se que a moralidade humana se constitui como uma tensão permanente entre o dever e a inclinação, o cuidado genuíno e a autoimagem, o pertencimento social e a autonomia individual, e o reconhecimento simbólico e o compromisso ético. O desafio ético contemporâneo reside em reconhecer essa ambiguidade e em orientar a ação de modo que o outro seja percebido como um fim em si mesmo, e não apenas como um meio para a legitimação pessoal.

Compreender essa tensão é fundamental para uma leitura mais realista e menos idealizada da moralidade, permitindo uma análise crítica das motivações que impulsionam a ação humana em suas diversas manifestações.

## REFERÊNCIAS

DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. Tradução de Maria Isaura Pereira de Queiroz. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1978.

FROMM, Erich. **A arte de amar**. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

HOBBS, Thomas. **Leviatã**. Tradução de João Paulo Monteiro e Maria Beatriz Nizza da Silva. São Paulo: Abril Cultural, 1974. (Os Pensadores).

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 26. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

KANT, Immanuel. **Fundamentação da metafísica dos costumes**. Tradução de Paulo Quintela. Lisboa: Edições 70, 2005.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens**. Tradução de Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

SMITH, Adam. **A teoria dos sentimentos morais**. Tradução de Lya Luft. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

SOUZA, Jessé. **A elite do atraso: da escravidão à Lava Jato**. Rio de Janeiro: Leya, 2017.